

PB

Ataque especulativo sobre a sucessão de FHC

FASE DE RECESSÃO AÇULA E ALIMENTA AS AMBÍÇÕES SUCESSÓRIAS DE ALIADOS DO GOVERNO

MARCO ANTONIO ROCHA

Quem pensou que, em janeiro, o ataque especulativo internacional contra o real fosse um "exocet" destruído para o governo FHC não imaginava o ataque especulativo das ambições políticas sucessórias, agora tão "desacorrentadas" como a velha e deliciosa *Unchained Melody* da Broadway. Só que em andamento de pagode e com improvisações mais desencontradas do que as experiências de *free form* que alguns jazzistas andaram encenando 30 anos atrás.

O mais recente lance desse disparate prematuro é a suposta desavença entre desenvolvimentistas e ortodoxos dentro do governo, representados no momento por Luís Carlos Mendonça de Barros e Pedro Malan. Cremos nós, cidadão ingênuos, que entre desenvolvimento econômico e ortodoxia fiscal e monetária não haja nenhuma incompatibilidade, como aliás é notório nos países bem-sucedidos. Da Suíça aos EUA, passando pela Alemanha, Inglaterra, Japão ou Suécia, todos apegados à ortodoxia, nem por isso se atrasando economicamente. No mundo desenvolvido, há os que não mostrem muito apego à ortodoxia, mas também não são tão bem-sucedidos. Vão manquitolando mais ou menos na rabeira, como é o caso da Itália, Grécia e Espanha. Deve ser mera coincidência, é claro.

Os leitores que porventura esperam encontrar comentários econômicos *strictu sensu* nestes meus artigos permitam-me, por favor, esta digressão pela área da política, mas é

que essa disputa, tecnicamente ridícula, oculta parcialmente a verdadeira briga sobre quem é que vai mandar no Brasil depois de FHC. Se fosse só isso, ou se isso pudesse ficar completamente isolado da administração da economia, até que poderíamos nos dedicar à contemplação olímpica das manobras maliciosas. Mas é evidente que semelhante lambança político-partidária paralisa em grande parte aquilo que, afinal, é do interesse de toda a população – particularmente das suas parcelas mais carentes –, ou seja, a estratégia de retomada do crescimento que o governo, sem dúvida, pode ter crescentes condições de pôr em

prática. O problema que me parece crucial no momento, e favorece essa disputa meio suicida tanto para o PSDB quanto para o PFL, não é propriamente sobre quem governa o Brasil, mas sobre quem governa o governo. Tudo indica que a escassez de governo sobre o próprio governo poderá atrapalhar a governança do governo sobre o Brasil, mais ainda do que tentaram fazer os especuladores internacionais. Mendonça de Barros é um discípulo, segundo se diz, do saudoso Serjão. Mas parece ter aprendido apenas metade da lição. Este, como sabemos, não fugia da raia nem de uma boa briga, mas era um disciplinador que não perdia de vista a prioridade de manter unidade no conjunto da corte. Mendonça também não descarta uma boa briga, mas desempenha papel de *trouble-maker* mais do que de *trouble-shooter*.

A surpresa fica para a ima-

gem que construímos a respeito de Malan. Todo mundo sabe que seu perfil, aperfeiçoado na carreira burocrática, dentro do Brasil e em instâncias internacionais, é mais compatível com a velha máxima consagrada até em letras de samba: "Bronca é ferramenta de otário." Sempre preferiu afastar-se de disputas ou guardar para si opiniões pessoais que possam criar polêmicas públicas.

Desta feita, porém, sem perder totalmente o tato diplomático em que foi treinado, está todavia mostrando algumas garras. Não só a respeito do "desenvolvimentismo" proclamado por Mendonça e respaldado por áreas do PSDB, mas também no episódio da sua carta ao ministro da Justiça. Quem ou o que o estaria estimulando a empunhar lanças, a despeito de seu feitio apaziguador?

Eis uma indagação para os investigativos colegas do jornalismo político, principalmente em Brasília.

Já da parte de Mendonça é mais fácil uma interpretação, reforçada pelo indisfarçável apoio e incentivo que o governador de São Paulo lhe dá. A sucessão paulista está no horizonte, que os incautos supõem longínquo, e o canto de Mendonça de Barros está-se afinando em dó maior, sem acidentes, com o dos empresários da Fiesp e com o das lideranças sindicais preponderantes. Num cidade onde o desemprego apresenta os maiores índices nacionais, trata-se de um canto tão bem recebido por todos quanto os sambas de Adoniram Barbosa. E é o canto que a mosca azul do governo paulista zune em seus ouvidos, até porque PFL, PMDB e PPB estão eleitoralmente desamparados nesta parte do território

nacional. De modo que o futuro inquilino do Palácio dos Bandeirantes, visto de hoje pelo menos, será quem Covas favorecer, e Mendonça estica o braço para receber o bastão.

Ao que tudo indica, FHC havia preparado sua estratégia para o segundo mandato, que era dar prioridade para o máximo de crescimento, já no primeiro ano, mesmo com algum risco, tolerável, para o controle da inflação e das contas externas. E até já havia providenciado a colocação do desenvolvimentista Mendonça justamente no Ministério do Desenvolvimento. O grampo nos telefones do BNDES e o ataque especulativo contra o real derrubaram o instrumento e a conveniência imediata da prioridade estratégica. E certamente Malan contribuiu de alguma maneira para convencer o presidente que era melhor ir devagar com o andar, ao menos durante este ano.

Isto favorece amigos e inimigos do governo, aliados e desafetos de FHC, todos de olho em 2002, a lançar a campanha do "crescimento já!", pois, se ele acontecer mais adiante, poderão dizer ao eleitorado que foi graças à pressão que fizeram sobre o governo. E, se demorar para vir ou for insatisfatório, poderão discursar sobre as "diferenças" que os separam de FHC, de Malan e da equipe ortodoxa.

Como quem administra a economia é só o governo, nosso problema, como cidadãos, é saber se este conseguirá safar-se desse ataque especulativo eleitoral com a mesma sorte com que conseguiu desviar-se do financeiro. Se não conseguir, teremos bons motivos para lamentar.

■ Marco Antonio Rocha é jornalista e sócio da XYZ Comunicação